

# O ENCARCERAMENTO DE MULHERES NEGRAS NO ESTADO DO PARÁ EM MEIO ÀS DIFICULDADES DO ACESSO À EDUCAÇÃO NO CÁRCERE

Antônia Cheile Moura dos Santos<sup>1</sup>  
Maria Lúcia Ferreira Barros<sup>2</sup>  
Maria Auxiliadora Maués de L. Araujo<sup>3</sup>

## RESUMO

O artigo apresentado tece reflexões sobre o encarceramento de mulheres negras no Estado do Pará e as dificuldades enfrentadas por elas quanto à garantia do direito à educação, considerando o processo de escolarização como possibilidade de mudança e ressignificação de suas vidas. A metodologia do trabalho consistiu em Pesquisa bibliográfica e documental, empregando o conhecimento disponível sobre o tema, escolhido em fontes bibliográficas, como livros, legislações, artigos científicos, e em documentos digitalizados, entre outros. Os objetivos buscam verificar qual a concepção de educação ofertada nesses espaços em relação às mulheres negras, compreender como ocorre o processo da educação no ambiente prisional para as mulheres, e quais os desafios e barreiras encontrados pelos educadores para conseguirem a realização desse ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação no cárcere; Mulheres encarceradas; Acesso à educação no cárcere.

---

1 Graduada do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade do Estado do Pará – UEPA e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e-mail: [antonia-moura8550@mail.com](mailto:antonia-moura8550@mail.com)

2 Graduada do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade do Estado do Pará – UEPA e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e-mail: [maria.lfbarros@aluno.uepa.br](mailto:maria.lfbarros@aluno.uepa.br)

3 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (2012), Pós Doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/2016), Mestrado Acadêmico em Educação pela Universidade Federal do Pará (2006), especialista em Gestão Escolar pela Universidade do Estado do Pará (2005) com graduação em Pedagogia pela União das Escolas Superiores do Pará (1990). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Pará. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gestão, Trabalho e Educação Carcerária – GEPGTEC/UEPA. Coordenou cinco versões do PIBID, atualmente é Coordenadora local do PIBID (2022/2023) e cinco versões PIBIC sendo a última (2022/2022). E-mail: [auxiliadoramaues@uepa.br](mailto:auxiliadoramaues@uepa.br)

## INTRODUÇÃO

O estudo é apoiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Universidade do Estado do Pará (UEPA) - campus XI – São Miguel do Guamá, intitulado **“A EDUCAÇÃO E O RESSIGNIFICAR NA VIDA DE MULHERES ENCARCERADAS: o esperar que ultrapassa as grades”**. Quando surge a temática do Cárcere, logo se tem o pensamento é “bem feito, se está lá é porque mereceu”; falando sobre as mulheres negras, é um pouco adiante, pois além de já serem discriminadas, ainda encontram várias barreiras, e uma delas, inclusive, está relacionada à educação dentro do sistema prisional, onde há preconceitos e julgamentos, porém, precisamos ter em mente a situação de cada mulher negra privada de liberdade, considerando que muitas vêm das ruas, outras são oriundas de um ambiente familiar destruído.

Para dar respaldo e suporte a esta construção, realizamos pesquisas e análise de instrumentos legais, como a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) a Constituição federal de 1988, e a Lei de Execução Penal (LEP) de 1984, que amparam e dão direito à educação às pessoas apenadas. De forma mais abrangente, o Estatuto da Igualdade Racial (IFMG) garante à população negra a efetivação da Igualdade de oportunidades em defesa de seus direitos, além de combater quaisquer formas de intolerância étnica que lhes venham causar desprezo ou ódio.

## METODOLOGIA

Como ponto de partida, realizamos a pesquisa bibliográfica sobre o encarceramento em massa das mulheres negras no Estado do Pará e as dificuldades enfrentadas por elas mediante a educação no cárcere. A pesquisa realizada se apoiou na perspectiva de Lakatos e Marconi (2003) que afirmam que “[...] o método da pesquisa é um procedimento reflexivo sistemático, controlador e crítico, para que a pesquisa se constitua passa por um procedimento formal, tratamento reflexivo, científico até que se chegue a um fragmentário”. Recorremos, então, a livros, artigos científicos, produções impressas ou virtuais, que possibilitam maior compreensão acerca da práxis pedagógica relacionada ao tema. Para informações acerca do referencial teórico, Freire (1987) postula a educação como prática de liberdade, Ângela Davis (2003) com a questão de gênero e mulheres pretas e Fernandes e Ercolani (2019).

A pesquisa documental esteve centrada na Lei de Execução Penal que versa sobre a assistência educacional efetiva ao interno, o uso do acesso à educação em

ambientes restritos, assim como também o acesso às plataformas digitais para fins de documentos digitalizados, como o Levantamento de Informações Penitenciárias (INFOPEN) catalogação de 2022.

Para abordagens acerca da educação no cárcere sob diversos aspectos, a obra Veredas para o sol – Escritos sobre a Educação no Cárcere Paraense de Araujo et all (2021), de onde emprestamos a ideia de “[...] fazer ecoar as vozes silenciosas que existem por trás das grades do interior do cárcere paraense”.

O Brasil aboliu a escravidão após 300 anos de dor e sofrimento da população negra; a Lei Áurea aboliu o trabalho escravo, mas o que parecia o fim de um pesadelo devastador, era apenas uma ilusória sensação de liberdade. A escravidão “acabou”, contudo deixou rastros irreparáveis na vida do povo negro; o racismo atravessa barreiras desde o período colonial como herança para a contemporaneidade. Davis (2003) pauta a vida dessas mulheres negras como objetos de lucro para seus senhores.

Além de se submeter a trabalhos agrícolas iguais aos do homem, as mulheres negras tinham tratamento diferenciado e sua condição de raça as levava à péssima realidade; a condição de ser mulher negra permitia que essas mulheres fossem violentadas, exploradas sexualmente e oprimidas. Contudo a opressão feminina era idêntica à do homem, porém as mulheres sofriam de forma diferente, pois eram vítimas de abusos sexuais e maus tratos em episódios frequentes, os quais só poderiam emudecê-las, já que em caso de rebeldia, seriam cruelmente castigadas. (Davis, 2003)

Trazer em pauta a educação para pessoas que estão dentro do cárcere, sobretudo, as mulheres negras, punidas pelo crime cometido e, mais ainda, por serem do sexo feminino e de pele escura, é constatar que já são subjugadas pela sociedade. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido” (Freire 1987, p 6) uma sociedade onde o grande pisa no pequeno em prol de seus interesses, bloqueia a ideia de que o detento por si só consegue se resignificar. A prática da liberdade só se dará mediante reconstrução do “eu” conquistar-se e construir sua própria história.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Falar sobre o encarceramento de mulheres negras é trazer à tona todo o processo vivido por cada uma, desde os primórdios, com toda discriminação e preconceitos sofridos por elas e, quando se trata de educação, é mais dificultoso

ainda. O julgamento terá sempre que analisar cada caso, como, por exemplo, o que levou essa mulher a cometer tal crime, ao invés de analisar, elas são julgadas pelo fato de serem negras e principalmente mulheres, chegando até mesmo a sofrerem abusos no cárcere.

Segundo a autora Araujo et all (2021): “O poder da invisibilidade no interior do cárcere e o preconceito, ou melhor, a repulsa socialmente constituída, com relação às pessoas encarceradas, precisa ser confrontada até que desapareça”. Ainda de acordo com a autora, a educação bem planejada para essas mulheres servirá como um apoio para que se sintam parte de si mesmas e da sociedade, pois só o fato de estarem no cárcere já sofrem por si só, e, com a educação, essas mulheres terão oportunidades de desafiar a si e até mesmo os valores e conceitos que a sociedade tem sobre elas. A ressignificação da vida delas precisa acontecer para que, de fato, o seu sentimento, ao alcançarem a liberdade, possa ser positivo. A educação é primordial para que isso aconteça.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos resultados obtidos com a pesquisa, nota-se que há um campo vasto de informações sobre a temática, porém, não encontramos ações mais precisas, concretas, como soluções sobre como conseguir realizar a mudança desse cenário, ou seja, muito se discute sobre o assunto, mas poucas ações e atividades são realizadas. Observa-se que a educação no cárcere é vista somente como regalia, sendo uma dificuldade conseguir esse acesso, até mesmo pelas detentas que ali estão se sobressaindo, por meio de uma seleção para ter direito à escola, principalmente as que se destacam dentro de uma religião imposta dentro do cárcere.

Os presídios brasileiros se transformam em grandes instituições privadas voltadas para a economia do Brasil. Possuem como finalidade a transferência das obrigações do estado para a privatização, tendo em vista que a pena é cumprida em condições degradantes e contrárias ao que tange à lei dos direitos humanos, levando em conta a anarquia que se formou no sistema prisional que não ressocializa o apenado.

É desafiador para os educadores conseguirem chegar com uma educação de qualidade, como gostariam, no interior do cárcere. Assim, Araújo et all (2021) afirmam, ao estudarem a gestão penitenciária paraense e os processos de educação e reinserção social, a partir de estudos anteriores, sobre a gestão pedagógica na Colonia Penal Agrícola de Santa Izabel - CPASI, que:

[...] a educação dentro de uma unidade penal, neste caso, na CPASI, enfrenta diversas barreiras, sendo que uma das principais dificuldades apresentadas diz respeito a significativa falta de autonomia por parte do setor educacional dentro do cárcere, para o desenvolvimento das suas ações. Do ponto de vista do espaço físico temos ali um ambiente insólito à sua prática, tudo ali parece inapropriado para a realização de “aulas”, de “ensino e de aprendizagem”. A educação deve libertar e o espaço “escolar carcerário” respira “aprisionamento, ali reside a prioridade das ações de controle, subserviência, ordem e segurança. (ARAUJO 2021, p.59).

A partir dessas informações, tomando como exemplo uma penitenciária, percebemos que lemos em outras obras que a realidade se estende por todo o Estado, e em nível nacional, e que é um desafio que precisa ser vencido, quando surgem essas barreiras. Uma das barreiras está relacionada ao uso de materiais didáticos voltados para essa educação, pois devido ao fato de as mulheres se encontrarem dentro do cárcere, não é permitida a entrada de vários tipos de materiais pedagógicos para esse processo, assim, as aulas deverão ser planejadas levando em consideração essa falta de recursos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observando as dificuldades apresentadas neste estudo, com tema relacionado às dificuldades do acesso à educação, no cárcere, pelas mulheres negras, considera-se a necessidade de implementação de políticas públicas voltadas para essa temática, trazendo soluções para confecção de materiais didático-pedagógicos que ajudem na formação das detentas. Deve-se também investir em formação de professores, para que sejam capazes de ensinar e ajudar essas mulheres no propósito da ressignificação de suas vidas.

A parceria entre família e educadores é muito importante, pois, geralmente, quando as mulheres têm sua liberdade, o primeiro contato é com a família que a ajudará a relacionar-se com o mundo, pois nada adianta à mulher sair do cárcere e encontrar um ambiente desestruturado, por isso, é preciso também uma educação na família para ajudar nesse processo.

É preciso dar à educação duas finalidades de igual importância: de um lado, a formação da razão e a capacidade de ação racional; do outro, o desenvolvimento da criatividade pessoal e do reconhecimento do outro como sujeito. A educação a ser desenvolvida deve ter como base a liberdade, a autonomia e a esperança em dias melhores. Para nós, também, mulheres e pretas, sabemos

que dentro (principalmente) e fora do cárcere, a vida é permeada por dificuldades, desconfianças, sofrimentos, preconceitos, etc. Imaginamos que, nessas condições, para mulheres encarceradas o processo do viver, certamente é muito pior. É desumano, cruel, embrutecedor e carregado de estigmas, entretanto, confiamos em que, pela educação, a premissa da mudança deve nos dar fôlego para enfrentar a caminhada. Nosso papel, aqui, de fora do cárcere, é de alguma forma, tentar dar voz, para tantas mulheres encarceradas e tão silenciadas.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. A. M. de L.; FERREIRA, E. J. A.; GUIMARÃES, J. W. O. A Gestão Penitenciária Paraense e os processos de Educação e Reinserção Social. In: ARAUJO, Maria Auxiliadora Maués de Lima et al. Veredas para o sol: escritos sobre a educação no cárcere paraense. Curitiba: CRV, 2021. p. 49-66.

Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania, n. 9, p. 811-844, out/2021 ISSN 2358-1557 [file:///C:/Users/cliee/Downloads/RACISMO+ESTRUTURAL+E+AS+MULHERES+NEGRAS+ENCARCERADAS+DUPLAMENTE+PENALIZADAS%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/cliee/Downloads/RACISMO+ESTRUTURAL+E+AS+MULHERES+NEGRAS+ENCARCERADAS+DUPLAMENTE+PENALIZADAS%20(1).pdf) <https://monografias.brasile scola.uol.com.br/direito/ressocializacao-pela-educacao-um-desafio-possivel.htm#:~:text=A%20fam%C3%ADlia%20precisa%20ser%20educadora,a%20escola%20e%20o%20meio>

BRASIL. Lei de execução Penal. Lei nº 7210 de 11 de julho de 1984. BRASIL. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. Atualização da edição Joao Bosco Medeiros. - 9 ed. - São Paulo: Atlas, 2021.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. Atualização da edição de João Bosco Medeiros. -9 ed. -[Reimpr.]. - São Paulo: Atlas, 2022. [file:///C:/Users/cliee/Downloads/RACISMO+ESTRUTURAL+E+AS+MULHERES+NEGRAS+ENCARCERADAS+DUPLAMENTE+PENALIZADAS%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/cliee/Downloads/RACISMO+ESTRUTURAL+E+AS+MULHERES+NEGRAS+ENCARCERADAS+DUPLAMENTE+PENALIZADAS%20(1).pdf)